

humanitas

Vol. LIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LVIX - MMVII



**DE INGENIOSA MALEDICENTIA
ESTÊVÃO RODRIGUES DE CASTRO E A RECEPÇÃO
DE ARQUÍLOCO NO RENASCIMENTO**

CARLOS A. MARTINS DE JESUS
Universidade de Coimbra

Abstract: The present study, motivated for the reading of some epigrams of the Portuguese medician and poet of the XVIth and XVIIth centuries Estêvão Rodrigues de Castro, intends to analyze the construction, from Antiquity to Renaissance, of the connections between Archilochus (VIIth cent. B.C.) and personal abusive poetry. Some of the known written and iconographic sources will be boarded of, so we arrive at the Portuguese humanist and see in him the reception of a motif already made into paradigm. We intend to demonstrate that more than Archilochus' poetic work - whose poems against the Licambids, in its majority, we only know from late papyrological sources - what influenced this and other humanists were the Greek and Latin texts witch associated the iambographus from Paros with the personal satire.

Key-words: Archilochus, iambus, invective, Renaissance, satire, A. Alciatus, Erasmus, Estêvão Rodrigues de Castro.

1. A lenda e os principais *testimonia*

Vários são os exemplos em que, no livro de epitáfios da *Antologia Palatina*, se trata da lenda de Arquíloco e dos Licâmbidas, sendo que em dois deles (7. 351 e 7. 352) são as próprias filhas de Licambas que, sob a terra que cobre os seus corpos, falam aos transeuntes e se defendem das

azedas acusações que, em vida, contra elas dirigiu o poeta.¹ Alude-se já, em boa verdade, a uma lenda antiga que chegaria ao Renascimento e transporia as fronteiras dessa época, povoando a pena dos poetas que, a partir do século XV, escreveram os seus versos em Latim.

Conta a lenda que Licambas e Telésicles, os pais do nosso *par romântico*, teriam arranjado o casamento entre os filhos quando juntos se deslocaram a Delfos e o oráculo predissera que o primeiro dos filhos de Telésicles que o saudasse ao desembarcar em Paros, no regresso dessa viagem, seria um poeta imortal. Havia de ser Arquíloco esse filho dedicado. Perante tal vaticínio, acordaram os dois indivíduos o casamento entre os seus filhos mais velhos, Arquíloco e Neobule. No entanto, por razões que não conhecemos, a promessa de casamento foi quebrada pelo pai da jovem, motivo para que Arquíloco desse início ao projecto de desonra de toda a família, pela construção do seu *psogos* (vergonha pública). E essa desonra era pessoal, sem dúvida, mas tudo leva a crer que fosse também política. Até porque os dois indivíduos que na história que acima contámos se deslocam a Delfos são, na *Inscrição de Mnesíepes* (SEG 15. 517 = Archil, *test.* 3 GERBER) designados de *theoroi* ('embaixadores'); e nas *Leis* de Cratino, comédia perdida de que possuímos apenas escassos fragmentos (frs. 134-142 K-A), refere-se mesmo o cargo político de Licambas (fr. 138 K-A). Não é portanto difícil de conceber que as duas famílias, por alguma razão que ignoramos, se tivessem politicamente incompatibilizado, funcionando assim a sátira arquiloquiana como forma de empreender uma campanha de desmoralização do adversário. No entanto, estudiosos há que defendem, não sem validade, a ficcionalidade poética de toda esta história. Mas, afinal, o que é real e o que é ficção? Licambas e Neobule, figuras reais ou alvos poéticos da invectiva iâmbica, com existência lendária extemporânea ao poeta?² Uma crise familiar ou

¹ Semelhante estrutura narrativa pode também ver-se no texto do P. Dublin inv. 193a (= SH 997 e Archil, *test.* 19 GERBER), bastante danificado, onde no entanto se percebe que as filhas de Licambas falam *post mortem* e, do mesmo modo, se defendem das injúrias de que foram alvo em vida, as mesmas que terão levado ao seu suicídio.

² Esta teoria da não existência real dos Licâmbidas é defendida, entre outros, por Martin L. West (1974), *Studies in Greek Elegy and Iambus*, Berlin, p. 27 e H. D. Rankin (1978), 'The Cologne Papyrus and Archilochus Association with the Licambids', AC 44, pp. 7-27. Vide ainda C. Carey (1986), 'Archilochus and Lycambes', C.Q. 36.1, pp. 60-67.

um esforço poético com vista a uma desmoralização política? Todas estas hipóteses foram já aduzidas, com argumentos diversos mas igualmente válidos. Pela nossa parte, estamos em crer que existisse de facto uma família, um homem e uma filha alvo das invectivas do poeta, o que não impede a ficcionalização da sua história, através ora de narrativas fabulares, ora das virtualidades semânticas dos seus nomes.³

Esta reconstituição da lenda - como as dúvidas que se levantam - é possível, mais do que pelos fragmentos conservados no *corpus* de Arquíloco,⁴ pelos *testimonia* tardios que se lhe referem.⁵ Nos fragmentos conservados e cuja atribuição ao poeta de Paros é actualmente aceite não são muitas as marcas textuais desta tradição, sendo que em parte alguma se faz referência ao suicídio. O nome Λυκάμβης* surge apenas em cinco fragmentos (38, 54.8, 60.2, 71.1 e 172.1), e em dois deles é fruto de reconstituição das lacunas presentes no papiro: fr. 60 W (= P. Oxy. 2312 frs. 9 et 10) e fr. 71 W (= P. Oxy. 2312 fr. 17). No fr. 172 W o poeta apenas se lamenta da perda de siso de Licambas, nada acrescentando em relação à complexa intriga amorosa. Quanto a Neobule, sua filha e, segundo a lenda, principal alvo das narrativas poéticas de Arquíloco, a sua presença textual é ainda mais escassa (frs. 118 e 196a W, este último apenas editado em 1974).⁶ Especialmente relevante é o fr. 197 W, que dá conta de um casamento que não chegou a ser celebrado, bem como o fr. 173 W (*cit. Orig. c. Celsum* 2. 21), ao desenvolver a ideia da quebra de uma promessa pela imagem dos convivas sentados a uma mesma mesa.

Perdidos os textos, a tradição percorreu no entanto os séculos, sobretudo a partir dos autores que a referem. Já Píndaro (*Pyth.* 2.52-56 = Archil, *test.* 35 GERBER) se serve do modelo poético de Arquíloco, conde-

³ Não possuímos, de facto, qualquer prova histórica ou arqueológica da existência dos Licâmbidas. Num estudo centrado na figura de Búpalo, alvo preferido de Hipónax, R. M. Rosen (1988), «Hipponax, Boupalos, and the conventions of the *psogos*», *TAPhA* 118, pp. 29-41 refere-se à possibilidade da criação de histórias e nomes *falsos* (ficcionais) para figuras com uma existência real.

⁴ Entendemos por *corpus* de Arquíloco o conjunto dos fragmentos reunidos por M. L. West (ed.) (1992 repr. 1998), *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati*, Oxford.

⁵ Para os *testimonia* referentes à lenda, veja-se D. E. Gerber (ed. e trad.) (1999), *Greek Iambic Poetry from the Seventh to the Fifth Centunes B.C.*, Cambridge. [Archil. *test* 19-32 GERBER]

⁶ Para a tradução e comentário deste texto, vide o nosso estudo: C. A. Martins de Jesus (2004), "A Lolita de Arquíloco: Menina e Devassa", *BEC* 42,15 - 33.

nando o uso mal orientado do seu talento poético. Ou seja, ao *psogos* (desonra poética), prefere o poeta tebano o *epainos* (elogio). E o ateniense Cratino, comediógrafo de quem mais não conservamos do que fragmentos, escreveu mesmo uma comédia intitulada *Archilochoi* (frs. 1-16 K-A). Num dos fragmentos mais discutidos, comodamente intitulado "salsa de Tasos" (fr. 6 K-A), teria Cratino desenvolvido a imagem de um assado onde a própria família de Licambas é a carne que grelha, vítima dos virulentos ataques do iambógrafo.⁸ A introdução de um coro de Arquílocos, segundo R. M. ROSEN (1988) 154,⁹ é sintomática das novas orientações invectivas que ganhara, com Cratino, a comédia ateniense.

Para além dos já referidos textos da *Antologia Palatina*, testemunho suficiente da fama da lenda durante o Período Helenístico, merecem ainda especial destaque, para os nossos propósitos neste artigo, esses outros passos em que autores latinos se lhe referem. Horácio trata a lenda em diversos momentos. No epodo 6. 11-14 (= Archil, *test.* 25 GERBER) ameaça o seu interlocutor de lhe fazer como fez Arquíloco a Licambas, isto é, de o desonrar publicamente através da sua poesia, a mais eficaz e mortífera das armas que possui:

caue, caue, namque in malos asperrimus
parata tollo cornua,
qualis Lycambae spretus infido gener
aut acer hostis Bupaló.

Cuidado! Cuidado! É que contra os malvados me eriço
com os cornos sempre prontos,
tal qual o genro enganado pelo infiel Licambas
ou o azedo inimigo de Búpalo.¹⁰

⁷ Os fragmentos da comédia são citados por R. Kassel e C. Austin (ed.) (1983), *Poetae Comici Graeci*Berlin.

⁸ Em específico sobre este texto vide R. Prestagostini (1982), "Archiloco, ©salsa di taso' negli *Archilochi* di Cratino (fr. 6 K)", *QUCC*11, pp. 43-52.

⁹ R. M. Rosen (1988), *Old Comedy and the Iambographic Tradition*, Atlanta.

¹⁰ Búpalo, juntamente com Aténis, dois escultores, teriam sido o alvo de eleição da invectiva poética de outro iambógrafo famoso da Antiguidade, Hipónax. Segundo a lenda, como a conta Plínio (*N.H.* 36. 4.11-12 = Hippon. *test.* 1 e 4 GERBER), ambos os artistas, por razões que não nos são dadas conhecer,

O *scholium ad loe* (= Archil, *test.* 26 Gerber) funciona também como uma boa síntese do entendimento que, ao tempo, seria feito da lenda, transmitindo precisamente todos os dados que acima referimos. E ainda o vate de Mecenas quem, em *epist.* 1.19.23-31 (= Archil, *test.* 27 GERBER), orgulhoso por ter transportado para a língua latina o metro iâmbico, diz no entanto não ter sido seu projecto artístico usá-lo para desonrar ninguém. Mas terá talvez sido o verso 79 da *Epistola ad Pisones* (*Archilochum proprio rabies armauit iambo*) o que mais andou na boca e na pena dos intelectuais do Renascimento, como adiante confirmaremos.

Outros dois autores latinos constituem para nós testemunho precioso da recepção e transmissão desta lenda. Em primeiro lugar Marcial (7. 12. 5-8 = Archil, *test.* 32 Gerber), ele próprio cultor do género invectivo, que se serve do exemplo de Licambas para designar todos esses versos *viperinos* que muitos lhe atribuem e que diz não serem da sua autoria:

Quid prodest, cupiant cum quidam nostra uideri,
 si qua Lycambeo sanguine tela madent,
 uipereumque uomat nostro sub nomine uirus,
 qui Phoebi radios ferre diemque negat?

Que me aproveita que alguns desejem fazer passar por meus
 os dardos embebidos em sangue de Licambas
 e que, sob o meu nome, se vomite o viperino veneno
 que os raios de Febo e a luz diurna se negam a suportar?¹¹

fizeram do poeta uma estátua que o mostrava ainda mais feio do que era, envergonhando-o assim publicamente. Como cada qual se serve das armas que possui, este empreende então o projecto de construção poética do *psogos* dos dois indivíduos que o haviam antes envergonhado. O sexo, vício sem limites, vai ser o principal tema dessa desonra, um pouco como acontecera com Arquíloco e as filhas de Licambas. Os testemunhos antigos parecem ter procurado aproximar (ou terão simplesmente confundido) as vidas e histórias dos dois poetas, Arquíloco e Hipónax (cf. *schol ad. Hor. Ep.* 6). Para uma comparação entre a invectiva de ambos os poetas, vide o nosso estudo: C. A. Martins Jesus (2005), "Maledictus quidquid agas. Licambas e Búpalo, dois alvos da invectiva iâmbica", *BEC* 44, 21-42.

¹¹ Tradução de Delfim Leão (et alii) (2001), *Marcial. Epigramas*. Vol. III, Coimbra (p. 19).

E finalmente Ovídio (*Ibis* 53-54 = Archil, *test.* 30 GERBER), que procede como Horácio, desta feita contra Ibis, a quem ameaça dirigir os seus iambos virulentos caso este seu destinatário não mude de atitude:¹²

Postmodo, si perges, in te mihi liber iambus
tincta Lycambeo sanguine tela dabit.

E mais te digo: se insistes, contra ti o meu indomável iambo
dardos embebidos no sangue de Licambas há-de lançar.

Pelos testemunhos que até agora apontámos percebe-se claramente como a figura do poeta Arquíloco, já então convertida em lenda, funcionava para os autores latinos simultaneamente como paradigma poético e da raiva que pode ser desferida por uns versos aguçados, quando dirigidos contra este ou aquele indivíduo que, de algum modo, prejudicou o autor. Mas eles provam também como à palavra poética invectiva era já reconhecido um notável valor literário, que a enquadrava num género bem definido e em nada menos meritório.

2. A lenda no Renascimento

Antes de nos centrarmos nos textos de Estêvão Rodrigues de Castro, cumpre averiguar qual o tratamento de que foi alvo a lenda durante o Renascimento Europeu. Só assim poderemos, em seguida, ousar identificar as fontes mais directas de que se terá servido o médico e poeta português cuja leitura dos poemas latinos deu o mote para este estudo.

A primeira edição moderna da poesia grega a incluir fragmentos de Arquíloco, ao que pudemos confirmar, data de 1566, uma edição de Henri Étienne - de que conservamos na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra uma 5ª edição¹³ - continha já alguns fragmentos de Arquíloco,

¹² Também nos versos 521-524 da mesma obra volta Ovídio a referir-se à lenda, acompanhada da de Hipónax. O passo é valioso pela afirmação ovidiana - impossível de confirmar -, de que Arquíloco foi o inventor (*repertor*) do género iâmbico.

¹³ *Pindmi Olympia, Pythia,, Nemea, Isthmia caeterorum octo lyncorum carmina, Alcaeï, Sapphus; Stesichon, Ibyci, Anacreontis, Bacchylidis, Simonidis, Alcmanis, nonnulla etiam aliorum. Editio V graecolatina H. Stepha. recognitione quorundam interpretationis locorum, & accessione lyncorum carminum locupletata.* Genevae, Oliva, Pauli Stephani, 1626.

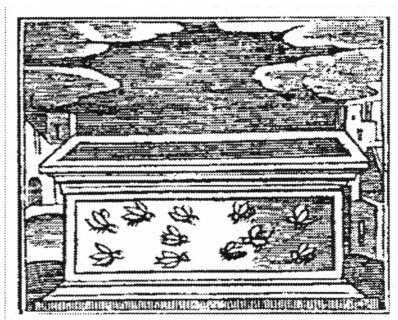
mas nenhum deles directa e explicitamente relacionado com a lenda dos Licâmbidas. É que a tradição, como vimos acima, parece ter chegado ao Renascimento por via indirecta, ou seja, em especial pelas citações e comentários de autores latinos aos textos arquiloquianos, por esses outros passos em que o exemplo do iambógrafo tinha sido retomado ou mesmo pelo conjunto das obras de carácter enciclopédico que, desde a Idade Média até ao Renascimento, proliferaram pela Europa.¹⁴

A. Alciato, no seu livro de *Emblemata*,¹⁵ vai colher inspiração ao epigrama 7. 71 da *Antologia Palatina* (= Archil, test. 22 GERBER) para a elaboração do emblema 51 (s.v. 'maledicentia') ao qual faz seguir o seguinte dístico elegíaco:

Archilochi tumulo insculptas de marmore uespas
esse ferunt, linguae certa sigila malae.

No túmulo de Arquíloco, esculpidas em mármore, vespas
tinham sido feitas, da sua língua terrível um pequeno símbolo.

Quanto ao emblema em si, ele conheceu três versões distintas, nas diversas reedições da obra, a última das quais aqui reproduzimos:



¹⁴ Sobre estas colectâneas e a sua utilização, vide N. Castro Soares (1991/1992), "A literatura de sentenças no humanismo português: *res et uerba*", *Humanitas* 43-44, 391 e n. 54.

¹⁵ A editio *pHnceps* dos *Emblemata* de Alciato é de 1531. No entanto, a obra foi sendo reeditada até ao século XVIII, com a inclusão sucessiva de novos emblemas e comentários cada vez mais vastos, até àquela que é considerada a última edição relevante, impressa em Madrid, em 1749.

Frederico Moreli, o comentador da edição que seguimos, das mais tardias e completas (1621)¹⁶ é bastante claro ao justificar porque considera mais adequada a última versão do emblea: *statuatur tumulus marmoreus, in quo undique uespa; insecti genus inuisum, oberrent. Quamuis ceterae editiones aduolantes et auolantes, haec tamen pictura magis arridet; quae uespas potius sculptas (de quibus epigramma loquitur) quam uiuas repraesentat.* Mas, pelo texto do epigrama 7.71, qualquer uma das outras versões faz sentido:

Σήμα τόδ' Ἀρχιλόχου παραπόντιον, ος ποτε πικρήν
 Μούσαν Ἐχιδναίω πρώτος- εβαψε χόλω,
 αἰμάξας Ἐλικώνα τον ἡμερον. οιδε Λυκάμβης¹,
 μυρόμενος τρισσών ἄμματα θυγατέρων.
 ἡμερα δὴ παράμειψον, οδοιπόρε, μή ποτε τουδε
 κινήσης- τύμβω σφήκας ἐφελομένους.

Este túmulo, junto ao mar, é de Arquíloco, que em tempos a azeda
 Musa foi o primeiro a armar da cólera de Equidna,
 manchando de sangue a quietude do Helicon. Bem o sabe Licambas,
 que deplora o enforcamento das três filhas.
 Ao de leve, passa ao lado, caminhante, e jamais
 atices as vespas que rodeiam o seu túmulo.

As vespas, no texto grego, rodeiam o túmulo de Arquíloco, não estão esculpidas nele; parece pelo menos ser esse o sentido da forma ἐφε^αομένους (v.6). Muito embora a *Antologia Palatina* não fosse muito divulgada até 1606, data em que Claude de Saumaise a terá descoberto num códice do séc. XI guardado na Biblioteca Palatina de Fleidelberg,¹⁷ a relação de Arquíloco com a imagem da vespa¹⁸ parece denunciar que,

¹⁶ *Andrea Alciati Emblemata / cum commentariis Claudii Minois... Francisci Sanctii... et notis Laurentii Pignorii, novissima hac editione in continuam unius commentarii seriem congestis... et plusquam dimidia parte auctis, opera et vigiliis Joannis Thuilli; accesserunt in fine Federici Morelli, ... corollaria et monita.* Patauii: apud Petrum Paulum Tozzium, ex Typographia Laurentii Pasquati, 1621. Existe um exemplar desta edição na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Cota: UCBG-R-30-21).

¹⁷ Este códice, na actualidade, encontra-se guardado uma parte em Heidelberg, e a outra na Biblioteca Nacional de Paris, para onde terá sido levada por Napoleão Bonaparte.

¹⁸ Também Hipónax, iambógrafo do séc. VI a.C., foi associado à imagem vespa, pela acutilância dos seus versos contra Búpalo e Aténis. E isso que se

de algum modo, o epigrama a que acima aludimos seria já do conhecimento de A. Alciato. O próprio comentador da edição dos *Emblemata* que seguimos (1621) identifica já o paralelo com este texto (*Extat epitaphium Archilochi, ex quo emblemata hoc desumptum uidetur, Lib. 3 Epigram. Graecor.*),¹⁹ mas não é completamente seguro afirmar que Alciato o tivesse presente aquando da composição deste emblema. O texto poderia de facto ser conhecido - e tudo leva a supô-lo -, mas tal conclusão não é condição *sine qua non* para explicar a inspiração clássica deste emblema, muito embora, repetimos, a proximidade seja quase inegável. E que a associação de Arquiloco à imagem da vespa remonta já a um passo de Calimaco (fr. 380 Pf. = Archil, *test.* 36 Gerber), que se refere à arte do iambógrafo nestes termos:

Ἐἴκυσέ Ὁὲ δομὴν τε χόλον κωδὸς ὀξύ τε κέντρον
σφηκός, ἀπ' ἀμφοτέρων ὀϊόν ἔχει στόματος.

prolongou a mordaz cólera de um cão e o aguçado aguilhão
da vespa, e de ambos tem o veneno na sua boca.

depreende da leitura dos epigramas 7. 405 e 7. 408 da *Antologia Palatina* (= Hipp. *test.* 8-9 GERBER), que parecem provar como esta associação simbólica dizia mais respeito ao género da invectiva do que, propriamente, a um qualquer poeta em específico. Uma relação que não cairia no esquecimento. De facto, já no século V a.C., a caracterização do coro de *Vespas* de Aristófanes tem por base o génio irritadiço desses animais, metáfora do temperamento em tudo semelhante dos Atenenses. Bem assim, volvidos cerca de dezoito séculos, o francês Alphonse Karr escreveria um conjunto de crónicas, ao jeito das *Farpas* queirosianas, intituladas precisamente *Les Guêpes* (Paris 1839-1846), volume a que fez seguir um outro, *Les Nouvelles Guêpes* (1853-1855).

¹⁹ A que edição da *Antologia* se refere o comentador? Muito embora a primeira edição (ainda parcial) date de 1754 (*Anthologiae graecae a Constantino Cephala conditae libri tres*, Leipzig), e a primeira completa de 1772-1776 (*Analecta veterum poetarum graecorum*, Strasbourg), sabemos que, desde a descoberta do códice do séc. XI (1606), Saumaise copiara os epigramas que faltavam à já conhecida *Antologia de Planudes*, não levando a bom porto, no entanto, o projecto de edição completa. Daí que, esporadicamente, alguns textos pudessem de facto ser conhecidos e ter sido incluídos numa edição, em três livros, que contivesse essencialmente a *Antologia de Planudes* e alguns textos já da *Antologia Palatina*.

De resto, Calimaco incluía a edição Aldina de Pindaro (Veneza, 1513),²⁰ se bem que o autor helenístico tivesse já sido editado por Lascaris (Florença, 1494). Qualquer que seja a fonte que tomemos como mais influente sobre Alciato, o que parece certo é que a imagem seria comum no Renascimento.

Prova mais do que suficiente disso mesmo são os quatro *adagia* que Desidério Erasmo contemplou e comentou que se referem, de algum modo, a Arquíloco e à lenda dos Licâmbidas. Publicados pela primeira vez em Paris, no ano de 1500,²¹ em pleno dealbar do século XVI, pese embora o esforço de censura da Inquisição, esta obra seria do conhecimento de qualquer intelectual do Renascimento. Os números LVII, LVIII e LXXX correspondem, respectivamente, aos provérbios *Archilochia edicta*, *Archilochi patria* e *Archilochi meios*, todos eles referências à poesia invectiva e à sua força de maledicência.²² Mais importante é o número XC, cujo comentário a seguir transcrevemos:

Archilochum teris

Ἄρχιλόχου πατεῖς-, i.e. *Archilochum teris*, seu *calcas*, de maledico dicebatur. ΤΤατεῖν autem dictum est, uel quod maledictus assiduus uideatur in enuoluendis huius Poetae carminibus, uel quod huius uestigiis ingreditur. De Archilochi testatur et Horatius:

Archilochum proprio rabies armauit lambo.

Equidem suspicior hoc idem esse cum illo, quod alibi posuimus: Ἄρχιλόχου πατρίς, i.e. *Archilochi patria*, deprauata uoce, πατεῖς, in, πατρίς.

²⁰ *Pindari Olympia, Pythia., Nemea, Isthmia. Callimachi hymni qui inueniuntur. Dionysii de situ orbis.* Lycophronis Alexandra. Venice: Aldus-Asulanus, 1513.

²¹ O exemplar mais antigo conservado entre nós, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, é de uma edição de 1528: *Adagiorum opus Des. Erasmi Roterdami per eundem exquisitiore quam antehac unquam cura recognitu[m], nec parum copioso locupletatu[m] auctano ...*, Basileae, ex Officina Frobeniana, 1528 (Cota: UCBG-4-10-17). Um outro exemplar conservado na mesma Biblioteca, datado de 1572, apresenta marcas de ter sido expurgado pela Inquisição (Cota: UCBG- S. P. - A d 9 - 17 -).

²² O caso de *Archilochi melos* (Ἀρχιλόχου μέλος*) refere-se a um hino de vitória (fr. 324 W.), dedicado a Héraclès, que foi em tempos atribuído a Arquíloco. A ele alude Pindaro (*Ol.* 9.1), entre outros autores. M. L. West considera o texto de atribuição duvidosa, preferindo encará-lo como um canto de circunstância, de origens orais, não da autoria do iambógrafo de Paros.

Por este *adaqium* apenas ficamos com as linhas gerais do que seria a opinião, no Renascimento, sobre Arquíloco. O *pisar* ou *tropear* em Arquíloco parece ser uma adaptação do texto de Eust. in Horn, *Od.* 11.277 (= Archil, *test.* 24 GERBER), para além de recordar também o epitáfio da *Antologia Palatina* que temos vindo a discutir. Como uma cobra ou um escorpião que se não deve pisar, também pela tumba desse poeta deve passar-se ao longe, não vá despertar a vespa adormecida.

Pelos casos analisados, parece-nos pois coerente depreender que os grandes responsáveis pela recepção da lenda arquiloquiana terão sido os latinos Horácio, Ovídio e Marcial (em especial os dois primeiros), para além dos epigramas da *Antologia Palatina*, apesar de, como vimos, o conhecimento destes últimos não ser ausente de questionação. Alciato e Erasmo parecem igualmente ser marcos importantíssimos neste percurso de transmissão, funcionando como cristalizadores da lenda na sua versão renascentista. Como a tratou o médico e poeta português Estêvão Rodrigues de Castro, isso é o que veremos na secção seguinte.

3. Estêvão Rodrigues de Castro e o agulhão arquiloquiano

Estêvão Rodrigues de Castro nasce em Portugal por volta de 1559-1560- e vem a morrer em Itália, a 30 Junho de 1638.²³ É bacharel em Artes em 1585 e obtém o grau de licenciatura no ano seguinte. Matricula-se em Medicina nesse mesmo ano, concluindo a sua formatura em 1588. Exerce ainda medicina em Lisboa durante praticamente duas décadas mas, talvez pela sua sempre precária situação de judeu convertido ao Cristianismo - uma conversão que poucos aceitam como sincera - abandona Portugal já quase com cinquenta anos, em 1608.

À pátria, como tantos outros do seu tempo, não mais havia de regressar, antes de a terra pender sobre os seus ossos. Permanece algum tempo em Espanha e França, mas é em Itália que acaba por fixar-se, em Florença, a partir de 1610/1611. Aqui se destaca como médico brilhante e

²³Estas e outras datas relativas ao percurso biográfico de Estêvão Rodrigues de Castro são discutidas em pormenor por G. Manuppella (1967), *Estêvão Rodrigues de Castro. Obras poéticas*, Coimbra, 47 sqq. Vide ainda, do mesmo autor, a entrada na *Enciclopédia Verbo*, s.v. 'Castro, Estêvão Rodrigues' e o mais recente artigo de M. T. Geraldês Freire (1991), "O poema «De Simulato Rege Sebastiano» de Estêvão Rodrigues de Castro", *Biblos* 67, 27-47.

de renome, o que o leva a ser nomeado Catedrático de Medicina Teórica na Universidade de Pisa, lugar que ocupa até ao ano lectivo de 1635-1636.

Médico brilhante e poeta não menos inspirado, tudo isso - e tudo isso não é pouco - foi Estêvão de Castro. Ensombrada ao longo dos tempos a sua obra poética, possivelmente pela sua situação religiosa pouco clara, é sintomático que Teófilo Braga, por exemplo, sobre ele tenha dito, na *Escola de Camões*, a propósito dos seus sonetos, que "todos são perfeitíssimos e dignos de serem assinados por Camões, imitados com um completo conhecimento do seu estilo." Tendo alguns poemas sido publicados ainda em vida do seu autor, em especial em apêndice a obras técnicas e científicas do campo da medicina, o grosso da sua produção literária - em Português, Castelhana, Italiano e Latim - apenas havia de ser reunido e publicado pelo seu primogénito Francisco Rodrigues de Castro. Interessa-nos particularmente o conjunto de epigramas em Latim que seguem em apêndice ao seu comentário do tratado *De Alimento* de Hipócrates (Florença, 1635). Em grande parte deles, volta-se o autor para a polémica científica e literária, defendendo-se de acusações que lhe tinham sido feitas e atacando, ele próprio, os seus inimigos. E é justamente para este fim que concorrem as alusões feitas à lenda de Arquíloco e dos Licâmbidas.

G. Manuppella (1967) 75-80 desenvolve de forma sistemática a grave polémica que se terá instaurado entre Estêvão Rodrigues de Castro e um outro médico, professor da Universidade de Bolonha, de seu nome Fortúnio Liceti. Temperamento fácil não parecia, de resto, ser apanágio do nosso autor, que anos antes se vira em tribunal a resolver uma contenda com Guilio Gustavini, como ele lente na Universidade de Pisa, por algo para nós tão insignificante como seja - imagine-se - o direito de leccionar no salão nobre da dita universidade. Com Fortúnio Liceti, não obstante, as hostes ficaram mais acesas, e apenas a morte de um dos intervenientes poria fim à questão. Tudo terá começado quando, em 1631, Liceti publicou uma crítica acérrima ao ensaio *De asitia* de Rodrigues de Castro (Florença, 1630). Este último vai então responder no primeiro volume do seu *De Alimento* (Florença 1635). Com os textos que trataremos de seguida, como se percebe, estamos no início das desavenças.

Logo no epigrama que abre a colecção anexa ao volume I do *De Alimento* vemos, em epígrafe, a dedicatória *in triobolum maledicorum Persius Trevius, alias Petrus Servius*, remetendo para o médico Pietro Servi, natural de Spoleto, que tinha escrito também ele um livro contra o *De sero lactis*

de Estêvão Rodrigues de Castro. No decurso do poema, é referido Liceti (v. 10). Para estes injuriadores, a ameaça do autor desonrado é clara: o enforcamento (vv. 14-15), que pode já encaminhar-nos no caminho da recepção da lenda de Arquíloco, mas é três epigramas adiante que tal modelo se torna de todo evidente. Falamos dos dois textos com o número LXXXVII, com a epígrafe *Epigramma de Lycambe nostrate* (‘Epigrama sobre o nosso Licambas’). O primeiro deles tece mesmo um resumo da lenda que nos ocupa:

Spe uacuu quondam Archilochus, plenusque furore,
 quem socer infesto luserat ante dolo,
 Musas, ultrices Musas clamore uocabat;
 ecce **lycambeo tela cruore madent.**

In sponsam, in socerum fera Musa **armauit iambos**,
 queis laqueum, poenas fraudes, uterque tulio.

Surgit deterior nostra haec aetate Lycambes
 cui laqueum fraudes et maledicta ferunt.

Oh risu et lachrymis rem dignam! Quarere laudem,
 et misero ad furcas laudis amore trahi.

Quicquid agat, quicquid scribat, quicquid loquatur,
 omnia sunt iugulo restituenda suo.

Em tempos Arquíloco, vazio de esperança mas cheio de raiva,
 com quem o sogro havia brincado em face de terrível mentira,
 as Musas, as Musas vingadoras num clamor invocava;
 logo **com o sangue de Licambas elas temperam suas armas.**

Contra a noiva, contra o sogro **a feroz Musa armou seus iambos**,
 com os quais lhe lança a rede, castigo da traição, de todos os lados.

Surge agora, no tempo que é o nosso, um pior Licambas,
 a quem lançam a rede as mentiras e a má língua.

O coisa digna de riso e lágrimas! Buscar honraria
 e pelo mísero amor da honra à força ser arrastado.

O que quer que faça, o que quer que escreva ou o que quer que diga,
 tudo há-de ser devolvido ao seu pescoço.

Não é completamente segura a identificação do alvo da invectiva como sendo qualquer um dos acima mencionados Fortúnio Liceti ou Pietro Servi, pese embora o facto de a publicação destes textos ser, como

vimos, o primeiro momento de resposta de Estêvão de Castro à polémica que com o primeiro desses médicos se havia instaurado. Particularmente interessantes são de qualquer modo as duas expressões latinas que destacámos a negrito, prova suficiente do conhecimento textual da tradição, em especial a partir dos textos latinos que acima referimos. De facto, o verso 4 traz à colação esse outro de Mart. 7.12.6 (*Si qua Lycambeo sanguine tela madent*) bem como o dístico de Ov. *Ibis* 553-554 que de novo transcrevemos:

Postmodo, si perges, in te mihi liber iambus
tincta Lycambeo sanguine tela dabit.

E mais te digo: se insistes, contra ti o meu indomável iambo
dardos embebidos no sangue de Licambas há-de lançar.

O sangue de Licambas, símbolo da sua morte, é motivo com frequência convocado para exemplificar as consequências da maledicência. Assim era já entre os autores latinos, e assim continua a ser a partir do Renascimento. Evocativo da recepção latina da lenda é o sintagma *armare iambos* (v. 5), ao que tudo leva a crer colhido em Hör. *Ars.* 79 (*Archilochum proprio rabies armauit iambos*). Bastante próximo é também o sintagma *temperare Musam* (Hör. *epist.* 1. 19. 88), que não excluimos ser do conhecimento do autor. Tendo em conta a profícua divulgação da obra horaciana no Renascimento, não é difícil aceitar esta inspiração clássica para o passo que estamos a tratar.

Licambas é uma vez mais o exemplo usado no segundo epigrama com o número LXXXVII, texto que, no entanto, não revela grande mestria poética:

Quaeris cur ueteres in te renouantur iambi?
Cur aetas per te nostra Lycamben habet?
Hoc mores fecere tui: mendacia, fraudes,
ingenii asperitas, mollities genii.

Perguntas porque contra ti se renovam os antigos iambos?
Porque te toma a nossa idade por Licambas?
Estes hábitos te assentam bem: mentiras, traições,
rudeza de engenho e moleza de génio.

Temos a identificação do iambo como género literário da invectiva, designação ligada mais à semântica dos seus versos do que, propriamente, às questões métricas que originalmente o definiam. Era isso que se via já nos epigramas da *Antologia Palatina*, mas também os latinos - de que Horácio e Marcial são o melhor testemunho - se orgulhavam de ter vertido para a língua do Lácio o metro iâmbico tão habilmente cultivado por Arquíloco, um orgulho que, no caso destes últimos, aludia à forma desse género poético. As acusações feitas versam o mau carácter do alvo da invectiva (v. 3), mas também a fraqueza de génio poético e a precária técnica literária desse autor, segundo a máxima horaciana *engenho e arte*.

Terminamos com a referência ao epigrama XCI, outro caso de invectiva contra Fortúnio Liceti, médico e professor natural de Rapallo, que neste texto é erroneamente considerado de Recco:²⁴

EPIGRAMMA AD SATYRUM RECHENSEM

In te crudeles mea Musa **armaret iambos**,
 illos si scires posse nocere tibi.
 Cur scelus obicitur, si non pudet esse scelestum?
 Si non est facies, alapa quid faciet?

EPIGRAMA CONTRA O SÁTIRO DE RECCO

Contra ti há-de a minha Musa armar ferozes iambos,
 se souberes que eles podem causar-te dano.
 Porque te impressiona o crime, se não te envergonha ser criminoso?
 Se não tens cara, uma bofetada que mal te fará?

Volta a ocorrer o sintagma *armare iambos*, que já acima comentámos, mas é pelos trocadilhos de difícil versão do último dístico (*scelus /scelestum efacies /facief*) que o poema ganha maior expressividade e valor literário.

4. Conclusões

Parece pois ter ficado demonstrado, ainda que em traços gerais, como Estêvão Rodrigues de Castro, já na terceira década do século XVII, se fez receptor de uma tradição antiga que identificava o iambógrafo de

²⁴ Assim o esclarece G. Manuppella (1967) *op. cit.* p. 424.

Paros com a poesia invectiva. Uma tradição que, chegados ao Renascimento, é recuperada de forma tópica e superficial, assente sobretudo nos testemunhos latinos sobre a lenda - ou nos poetas do Lácio que nela se inspiraram - e também nos textos da *Antologia Palatina* que a transmitiram e, de algum modo, a ajudaram a construir. Pretendemos com isto afirmar que, pese embora as origens tardias desta lenda, na sua génese fruto de interpretações possivelmente demasiado biografistas dos textos do poeta, terá sido a partir do Período Helenístico que ela se configurou nos principais traços com que a vamos reencontrar a partir do século XVI.

Como se vislumbrava já com Horácio e Marcial, Arquíloco converteu-se, no Renascimento, não apenas num *exemplum* do poder da palavra, mas também no modelo do poeta ultrajado que se serve das armas que melhor domina para se defender. São essas armas os *tella* que as Musas embeberam, em tempos, no sangue de Licambas e das suas filhas, família que só na morte - ou nem sequer aí - encontrou refúgio para o aguçado aguilhão do poeta traído. Um poeta e uma tradição que, inegavelmente, são recuperados de forma indirecta.